



Formação humana para os alunos do 2º ciclo de Ensino
Uma forma de prevenir a Indisciplina

Ano Lectivo 2010'11



**Leituras complementares:
A GESTÃO DA SALA DE AULA**

Introdução

O GPI tem vindo a verificar no seu curto espaço de existência [2008-2010] um comportamento inusitado nos alunos que transitam do 1º para o 2º ciclo de Ensino. Se uma grande maioria dos discentes provou que sabe usufruir do direito à Educação, outros primam por ainda não saber quais são os deveres que devem pautar as relações humanas.

Num universo multicultural, como o é o da nossa escola, um dos objectivos – que urge assinalar no seu PEE quanto à técnica de conhecimento de conhecimentos e de competências – é o da formação humana; esta deve acompanhar uma sociedade repleta de mudanças, sejam elas técnicas, ou resultantes de migrações. Uma nova pedagogia deve ter em conta uma mudança da consciência que se quer colectiva e global. Isso significa que a educação não pode ser vista como algo de neutro, que pode crescer ao sabor de um apetite. O desenvolvimento do aluno que deixa o primeiro ciclo de ensino (ou que no 6º ano de escolaridade ainda não adquiriu hábitos de integração) tem de continuar e há que lhe dar todo o empenho iniciado com a unicênica. Assim e apesar de ter vários professores, a formação humana deveria concentrar-se não apenas na figura do Director de turma, enquanto referência principal da turma, mas passar por um programa de formação que permita cultivar no aluno os alicerces do sucesso escolar. As disciplinas de «*Formação Cívica*» e de «*Área de Projecto*» parecem ser os espaços naturais para pôr em prática esse programa, enquanto meio de prevenção da Indisciplina e amenização dos conflitos inerentes.

1 – A Formação humana como forma de prevenir a Indisciplina.

O programa visa trabalhar com os alunos todo um manancial de valores que, por mor das vicissitudes sociais e familiares, tendem em querer desaparecer do referencial educativo. Assim, procurar-se-á...

- a) *Cultivar as virtudes sociais e cívicas*, procurando em todos os momentos o fortalecimento dos hábitos de adaptação social, de convivência e de cooperação.
- b) *Procurar desenvolver ao máximo as virtudes humanas*, dando particular atenção à ordem, à sinceridade, à alegria, à simplicidade, à generosidade, ao companheirismo, à confiança, à fortaleza, à justiça, à constância, e à sobriedade.
- c) *Ensinar que o trabalho bem feito* é o meio comum e normal para a melhoria do ser humano e o progresso da sociedade.
- d) *Incentivar a iniciativa própria de cada um*, educando na **liberdade** e para a liberdade entendida no sentido (cor)recto do termo, isto é, ligada ao sentido de **responsabilidade pessoal** que lhe está subjacente.

Quadro orientador do programa de Formação humana

Objecto de trabalho	Tópicos/temas	Objectivos	Actividades a desenvolver
Virtudes humanas	<ul style="list-style-type: none"> • Ordem • Sinceridade • Alegria • Simplicidade/humildade • Generosidade • Companheirismo • Confiança • Fortaleza • Constância • Sobriedade 	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão sobre os aspectos a ter em conta para melhorar a sua conduta: ter autodisciplinado; melhorar a autoestima; acreditar na realização do que se faz; 	<ul style="list-style-type: none"> • Tomar compromissos quanto à arrumação do espaço sala: criar cargos rotativos: cesto dos papéis (um aluno passa com o cesto/ os colegas deitam os papéis para o cesto); afixação dos testes; alinhamento das carteiras e cadeiras; abrir as janelas; apagar o quadro; aviso dos 5 minutos finais da aula (serve para escrever o sumário e cumprir os encargos) • Criar o hábito de entrar ordenadamente e sair por filas ou individualmente, devagar.
Virtudes sociais e cívicas	<ul style="list-style-type: none"> • Convivência • Trabalho • Cooperação • Respeito pelo outro • Liberdade • Responsabilidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão sobre os diversos aspectos da violência; reflectir sobre os porquês. • Denunciar situações de coação entre alunos. • Desenvolver atitudes favoráveis a promover ambientes de cidadania. 	<ul style="list-style-type: none"> • Elaborar trabalhos sobre bullying: debates, pesquisa na Web, leitura de texto sobre o tema, realização de trabalhos e/ou textos para o jornal da Escola, exposição.

2. A Gestão da sala de aula

Promover um bom clima para a aprendizagem e a socialização, é reconhecer a importância das competências do professor na gestão da sala de aula.

Para tal, o professor tem de investir no planeamento das duas dimensões essenciais da turma enquanto grupo: a) a dimensão da relação com o trabalho. b) a dimensão da relação entre as pessoas.

O conceito de gestão de sala de aula, segundo Arends (1995), assenta nos «*modos pelos quais os professores organizam e estruturam as suas salas de aula, com os propósitos de maximizar a cooperação e o envolvimento dos alunos e de diminuir o comportamento disruptivo.*»

Assim, o modo como o professor implica os alunos nas tarefas de aprendizagem e o cuidado que dedica à criação e manutenção do clima afectivo do grupo são duas dimensões que devem ser cuidadosamente geridas.

O impacto da variável escola (espaços, observação das normas,...) , bem como de outras variáveis externas à escola (família, práticas sociais,...) são certamente importantes para explicar a dinâmica da turma. Mas qualquer que seja o tipo de escola, poder-se-á simplificar segundo Brophy e Good (1984), 4 estereótipos de sala de aula:

1. A turma está num caos contínuo e barulhento, gastando o professor muito do seu tempo em infrutíferas tentativas de controlo através de ameaças e de castigos.
2. A turma é barulhenta, mas todos parecem sentir-se bem. O professor empenha-se muito na introdução de actividades que considera interessantes e motivadoras, nem sempre relevantes para a aprendizagem académica. O trabalho não apresenta os resultados desejáveis e os problemas disciplinares também ocorrem mais do que seria de se esperar, mas vai-se indo.
3. A turma não dá problemas disciplinares. Tudo está muito regulamentado, o controlo é apertado e rígido. Não se permite que os deslizes vão por diante; o professor não gasta muito do seu tempo no exercício da autoridade. Trabalha-se e aparentemente o clima é tranquilo, contudo, à menor ausência do professor, a turma explode, o trabalho desorganiza-se, a confusão instaura-se.
4. A turma parece governar-se por si própria. O professor tem possibilidade de se centrar no essencial da sua tarefa educativa, os alunos trabalham e fazem-no num ambiente de relativo à vontade. Respira-se um clima de bem-estar e de implicação nas tarefas, em que há vida, interacção social.

Este último tipo de sala de aula parece obviamente aquele que apresenta o clima onde se podem tirar maiores vantagens educativas e formativas. Que faz um professor para conseguir o envolvimento dos seus alunos nas tarefas de aprendizagem, no contexto de um clima de equilibrada dissensão?

As investigações levadas a cabo no campo da gestão da sala de aula, enfatizam muito especialmente as competências evidenciadas por esses professores quanto ao adequado planeamento e condução das actividades académicas e da vida social da turma.

As investigações observaram que aquilo que caracteriza a conduta dos professores ditos de «eficazes» não reside tanto no modo como estes resolvem os problemas de indisciplina ou como controlam esses comportamentos, mas antes no modo como previnem o surgimento dos mesmos. Simultaneamente, desenvolvem a autonomia e o autocontrolo nos alunos. Como?

- Criando um clima de trabalho simultaneamente tranquilo, seguro, estimulante e envolvente dos alunos em trabalho produtivo e significativo (em função do nível de desenvolvimento dos alunos, dos seus interesses, aptidões e cultura) e de um modo regular.

- Prevenindo a indisciplina.
- Favorecendo as aprendizagens (na medida em que estabelecem com os seus alunos um clima de simpatia e respeito, o qual se traduz sobretudo na transparência das regras do jogo, quer das regras mais relativas à organização e avaliação do trabalho, quer daquelas mais direccionadas à regulação das relações entre as pessoas.

Os investigadores verificaram também que os professores que melhor conduzem a sua turma são aqueles que mantêm uma atitude de manifesto apreço pela tarefa escolar, de confiança no sucesso dos alunos e de valorização do mesmo. São professores que inspiram confiança, tendo-a ganho, quer pelo genuíno cuidado com que lidam com os seus alunos, quer pela credibilidade que, com a consistência das suas atitudes, souberam granjear.

Se como Brophy & Good (1984) sublinham que «a chave para uma gestão de aula bem sucedida reside na prevenção» não é menos verdade que esta deve ter em conta que «muitos problemas surgem quando os alunos estão amontoados, são forçados a esperar ou a ficar inactivos, porque não têm nada que fazer ou não sabem o que fazer.» Assim, para a gestão da sala de aula é importante perceber como procedem os professores ditos «eficazes» para minimizar aquelas situações. Uma forma simplificada e prática de nos apercebemos como somos ao darmos a aula seria de responder ao questionário sobre «a gestão da aula» que se segue e que assenta nas três áreas que as investigações recomendam: **definição de regras e consequências; organização do trabalho; orientação das relações.**

Mediante os resultados obtidos, podemos reflectir e fazer uma auto-avaliação do trabalho que produzimos.

As aulas cujo andamento parece espontâneo e adequado são aquelas que foram objecto de cuidada preparação prévia, de atenta previsão dos recursos e condições a assegurar e em que se protagoniza com sistematicidade um conjunto de atitudes e comportamentos.

São aquelas em que, no início do ano, se aceitou gastar tempo com vista a **um gradual estabelecimento das regras a respeitar entre as pessoas, na relação destas com o trabalho** e em que **se é consistente na sua aplicação.**

«Uma gestão eficaz da sala de aula não pode ser reduzida a um simples livro de receitas. Contudo, há princípios gerais que se aplicam a várias situações. Se praticados sistematicamente, poderão prevenir ou resolver muitos problemas, ao mesmo tempo que deixarão o professor bem posicionado para lidar com os problemas que requerem soluções especiais» [Brophy & Good, 1984]

O primeiro passo para prevenir a indisciplina e a eclosão de problemas na sala de aula é trabalhar junto dos alunos dos 5º anos, o conjunto de orientações que se acabou de expor. É fundamental criar um clima predominantemente positivo nos alunos recém-chegados à escola, quer no domínio da relação, quer no domínio da organização do trabalho.

Viver a escola implica inexoravelmente o confronto com problemas e conflitos, aos quais há então que responder e há-a que procurar ultrapassar. Numa primeira análise, a tentação é ver o problema nos outros – os alunos, a família, a escola,... Certamente que o há. Mas numa abordagem behaviorista dos problemas do comportamento, a solução é enfatizada na mudança no e do aluno para a qual foram apresentadas aqui diversas indicações. É uma perspectiva que antecipa o surgimento do conflito e por conseguinte é uma forma preventiva da indisciplina.

A resolução desta pela mobilização do conceito de «conflito» enfatiza uma leitura predominantemente interacionista; ao tratar os problemas da indisciplina no quadro da relação existente entre os protagonistas da situação, mobiliza a consideração de variáveis de contexto (gestão do espaço, do tempo, dos recursos didácticos,...): é uma vertente das actuações observadas no GPI. Mas esta é uma actuação pontual e não estrutural i.e formativa. É por isso que a prevenção da

indisciplina deve começar com a mudança no aluno e o professor é, por excelência, o agente primordial deste processo; o GPI é tão-somente o gabinete que proporciona ao professor a possibilidade de despertar a mudança no aluno.

Referências bibliográficas

- Arends, Richard I. (1995) *Aprender a ensinar*, Lisboa, McGraw-Hill.
- Brophy J. E. & Good T.L., (1984) *Teacher-Student relationships: causes and consequences*, New York: Holt, Rinehart and Winston.

Questionário para autoreflexão

Objectivo: Aprofundar o conhecimento que se tem sobre o modo como gere as suas aulas.

	0. Estou satisfeito. Procedo assim o número adequado de vezes.	1. Sou assim. Procedo deste modo a maior parte das vezes	2. Não sou assim. Não procedo ou raramente procedo assim.	3. Gostaria de proceder assim mais vezes	4. Gostaria de proceder assim menos vezes
1. Define as regras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Define as consequências	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Estabelece contratos de funcionamento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Define os objectivos da lição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Prevê actividades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Prevê a avaliação formativa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Mantém a sala arrumada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Revê as suas planificações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. É pontual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Imprime energia ao trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Está atento ao que acontece	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Assegura actividades práticas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Delega responsabilidades aos alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Lida com várias tarefas em simultâneo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. Está atento ao uso da voz	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16. Não demora na entrega das avaliações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
17. Conclui cuidadosamente a lição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
18. Mantém as promessas feitas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
19. Procura ser justo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
20. É delicado com os seus alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
21. É disponível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
22. Sublinha o que foi bem feito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
23. Encoraja o aluno nas dificuldades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3. A definição de regras e as suas consequências

As pesquisas relacionadas com a indisciplina na sala de aula têm revelado o que um professor experimentado empiricamente conhece: a existência e a explicitação de regras de conduta são um instrumento precioso para a regulação da vida social da turma; constituem um quadro normativo claro e preciso que não permite situações de grande ambiguidade: os alunos sabem quais são os limites do permitido (*por ex. se o regulamento não permite ao aluno ir à casa de banho durante as aulas, então não vai*); o professor não pode aceder a este tipo de pedido. Por isso, para que a situação não degenere, é fundamental que, logo nas primeiras aulas, sejam estabelecidas as normas reguladoras da situação pedagógica.

É compreensível que uma boa gestão da sala de aula passe pela necessidade de clarificação das expectativas do comportamento a observar e a respeitar; têm de ser consubstanciadas sob forma de regras de conduta, bem definidas e adaptadas a uma dada situação. Estas não só vão delinear a maneira como o professor vai organizar o trabalho, mas também orientar as relações entre os alunos e entre estes e o professor.

Este quadro regulador de comportamentos é útil para prevenir atempadamente conflitos. Contudo o excesso de regras (ou de regras demasiado rígidas) pode revelar-se prejudicial e inibidor da espontaneidade, da criatividade, da aprendizagem da autonomia e responsabilidade pessoal.

Em muitas salas de aula, aquilo que é perturbador no decorrer das mesmas não surge tanto de incidentes de grande gravidade, mas pelo contrário da frequência e do número de alunos envolvidos em situações de menor peso: as conversas, o não cumprimento de tarefas, as movimentações inoportunas estão entre os registos mais frequentes e deverão ser objectos de regulamentações específicas.

Neste contexto algumas regras poderiam ser assim enunciadas:

- a) Os alunos devem evitar conversar entre si, durante a exposição da matéria pelo professor.
- b) Os trabalhos de casa deverão ser entregues no prazo estabelecido aquando da sua distribuição.
- c) Quando precisarem de ir buscar material, os alunos devem fazê-lo um de cada vez.

Alguns períodos são susceptíveis de proporcionar comportamentos pouco desejáveis: o início e o fim das aulas, os momentos de transição entre actividades, bem como os tempos mortos, como refere Arends (1995). Para estas situações, algumas regras poderiam ser sugeridas:

- a) É de todo conveniente que os alunos se dirijam aos seus lugares, logo que entrem na sala de aula.
- b) Os alunos só devem abandonar os seus lugares após indicação expressa do professor.
- c) Os alunos que tenham terminado as suas tarefas antes do tempo previsto podem fazer as leituras ou as tarefas escolares que desejam.

A elaboração das regras devem ser formuladas com clareza, precisão e pela positiva.

Têm de ser redigidas de forma que sejam compreensível por todos e que dêem indicações específicas sobre o comportamento esperado. Formulações demasiadas gerais e/ou abstractas, bem como aquelas que dizem o que não deve ser feito são de evitar (por exemplo: «os alunos não devem falar»). A formulação pela positiva propicia uma adesão maior à norma: por exemplo: «os alunos devem prestar atenção à exposição do professor e tirar dúvidas» [escuta activa]

No que toca ao processo que rege as normas, podia-se seguir as etapas enunciadas por Curwin e Mendler (1987) com vista ao estabelecimento dos contratos sociais. Contudo ao processo negocial a que se referem, preferimos substituí-lo por um trabalho cooperativo (cf. 2ª parte: um plano de

intervenção para os alunos do 5º ano) entre alunos, levando a um resultado semelhante. Pois se há regras que podem «cozinhas» por ambas as partes, discentes e docentes, outras excedem o âmbito da sala de aula e da escola: a existência de avaliação sumativa não é negociável – quanto antes o modo de realização da mesma no quadro de orientações gerais, definidas a nível de escola. O trabalho cooperativo permitirá clarificar a pertinência de algumas expectativas e reequilibrar o desajuste de outras tantas.

Algumas normas que podem melhorar os problemas quanto à avaliação ou o desenvolvimento da aula, poderiam ser:

- a) Os professores devem entregar a correção dos testes até uma semana após a data da sua realização.
- b) Os professores devem intervalar momentos de exposição com momentos de actividade dos alunos.

Na antecipação do surgimento dos conflitos, há que identificar as áreas problemáticas que levam a comportamentos indesejáveis e analisá-las. O importante não é tanto o estabelecer das regras que possam evitar o conflito, mas a sua razão de ser, pois que uma das causas que alimenta o seu incumprimento reside na incompreensão sobre os seus fundamentos e sobre as razões da sua existência. A participação cooperativa é importante, pois leva à explicitação das razões que a cada proponente assiste relativamente ao comportamento esperado.

As razões que sustentam as regras – contrariamente ao que grande parte dos psicólogos educacionais defendem – são de **natureza ética** (tendo a solidariedade, a verdade, o respeito pelo outro,...), de **natureza instrumental** (há necessidade de criar condições propícias ao trabalho – *a regulação de movimentação na sala, por exemplo*) e de **natureza convencional** onde as sensibilidades podem ser feridas (se não por que razão obstar o uso do boné na sala?). Todas têm igual importância, e mais do que a natureza do fundamento, importa a sua explicitação para com o outro naquilo que importa estabelecer: um ambiente propiciador da aprendizagem.

Na definição das regras com os alunos dos 5º anos, é de todo conveniente, segundo Sprinthal e Sprinthal (1993), que seja o professor a estabelecer e manter as regras recorrendo a recompensas concretas como forma de salvaguarda das mesmas, já que nestas idades a procura de recompensas materiais constitui um importante factor de mobilização das crianças para o cumprimento das regras. Contudo, a orientação deve pautar-se segundo esses mesmos autores, pelo esperado nível de desenvolvimento no campo sociomoral. Para levar a cabo a aplicação das regras que o professor propõe, o trabalho cooperativo¹ é a este nível um meio importante para o início do desenvolvimento da responsabilidade e da afirmação pessoal.

Por parte do professor, deve de haver uma demonstração de quanto o cumprimento das normas é importante. Alguns aspectos podem ser salientados:

- a anotação das infracções no caderno do professor;
- o compasso de espera que leve a que todos os alunos estejam sentados para só então o professor tomar o seu lugar;
- não começar a aula enquanto houver conversas perturbadores;
- ser o último a sair;
- entregar os testes até uma semana após a data da sua realização.

Além dos aspectos relacionais, as investigações no domínio da gestão da sala de aula recomendam que grande parte do esforço se concentre no modo de lidar com o trabalho e da forma como é organizado.

¹ Cf. a 2ª parte: Um plano de intervenção para os alunos do 5º ano

Referências bibliográficas

- Arends, Richard I. (1995) Aprender a ensinar, Lisboa, McGraw-Hill.
- Carita, Ana & Fernandes, Graça (1997) Indisciplina na Sala de aula – Como prevenir? Como remediar? Editorial presença, Lisboa.
- Cochito, Maria Isabel Geraldês Santos, (2004), Cooperação e Aprendizagem, Educação intercultural, Acime (Alto Comissariado para a Imigração e Minorias étnicas), Lisboa.
- Curwin, R., Mendler A. (1987) La disciplina en clase. Organización del Centro y del aula, Narcea, S.A, Ediciones Madrid.
- Fernandes, Elsa, (1997) “*O trabalho cooperativo num contexto de sala de aula*” in Análise Psicológica 4, (XV) páginas 563-572, Instituto de Inovação educacional, Universidade da Madeira.
- Marujo, H. A., Neto, L. M. & Perloiro, M. F. (1999), Educar para o Optimismo, Barcarena: Editorial Presença.
- Sprinthal, N. A.; Sprinthal, R.C. (1993), Psicologia Educacional - Uma Abordagem Desenvolvimentista, Lisboa. Mc Graw Hill.

4. A organização do trabalho

4.1 – Ter a lição bem planeada e organizada.

a) Definir com clareza os objectivos que se pretende atingir em cada unidade de trabalho.

b) Prever as actividades de realização em aula, individuais ou de grupo e planificar tão bem estas actividades quanto as exposições do tema. O envolvimento dos alunos em trabalho útil e significativo, ajustado ao seu nível de desenvolvimento, propiciador de oportunidades de sucesso e no qual possam assumir responsabilidades progressivamente mais autónomas, é uma orientação fundamental para a gestão bem sucedida da sala de aula.

A planificação destas actividades tem de corresponder ao que se espera do aluno quanto à responsabilidade e à autonomia. As tarefas têm de ser claras, específicas e as orientações devem ficar registadas e visíveis (no quadro, por exemplo). É necessário ensinar a estabelecer a sequenciar a realização das tarefas, a identificar recursos necessários, a distribuir responsabilidades de realização e coordenação do trabalho (no caso de trabalho de grupo), a estabelecer tempos para cada etapa, a controlar e a ajustar.

Outro aspecto importante é cuidar da motivação para com as actividades, do seu poder de interessarem os alunos, enquanto os envolvem na realização de trabalhos úteis às aprendizagens. A diversificação das tarefas é fundamental: têm de se constituir desafios às potencialidades dos alunos e oportunidades de realização com sucesso. (*propostas sistematicamente rotineiras acabam por se tornar monótonas; propostas divergentes das potencialidades dos alunos que são sentidas como irrealizáveis acabam na frustração e no desinvestimento*)

c) Prever o recurso à avaliação formativa em contextos informais. Permite uma tomada de consciência (do professor e dos alunos) daquilo que não vai bem e corrigir o(s) problema(s). Os professores mais eficazes planificam também o processo de avaliação, criando condições para o recurso de recolha sistemática de informação. É dado aos alunos *feed-backs* oportunos e específicos sobre o que devem trabalhar novamente e o modo de fazê-lo.

d) Ter a sala de aula eficazmente arrumada, de forma que a disposição do mobiliário, os equipamentos, os recursos didácticos (previstos e preparados) estejam devidamente instalados e ajustados às necessidades do momento.

e) Reavaliar periodicamente as planificações com vista à introdução das mudanças que se revelem necessárias. Este procedimento supõe que houve da parte do professor uma atitude de avaliação contínua do trabalho realizado; assim, é fundamental o registo sistemático dos métodos associados a aprendizagens bem sucedidas.

4.2 – Ser pontual, modelando desse modo o comportamento esperado do aluno.

4.3 – Aspectos a ter em conta no decorrer da aula

a) *Pôr a turma rapidamente activa,* canalizando a atenção dos alunos para o início das actividades; pode ser feito recorrendo a algumas questões de revisão ou anunciando expressamente o início da actividade.

b) *Manter a atenção dos alunos durante a aula,* colocando questões a um ou outro aluno, em diversos momentos da aula, questões estimulantes e de variada natureza (sobre factos, sobre relações,... estimulando a criatividade)

c) *Estar alerta para o que está a acontecer na turma* e assegurar-se de que esta tem consciência

- disso. O professor poderá “correr “ com o olhar toda a turma (visão panorâmica do grupo), movimentar-se na sala, estabelecer contacto visual, prestar atenção às áreas potencialmente perturbadoras.
- d) *Analisar o que está a suceder na turma*, procurando compreender as causas de determinados comportamentos e identificar também os seus próprios padrões mais habituais de reacção.
- e) *Fazer com que a lição corra num bom andamento*, minimizando as quebras e os atrasos (previstos na preparação da lição disposição da sala e recursos). Não perder tempo com desatenções menores e pontuais. A movimentação para junto do aluno desatento, a colocação de uma questão e o contacto visual poderão ajudar aluno a reentrar na lição.
- f) *Assegurar efectivamente as oportunidades de actividades práticas*. Para Fontana (1994), a exposição do professor não deve ocupar mais do que um minuto e meio por cada ano de idade do aluno; uma turma com alunos de dez anos terá dificuldade em ouvir o professor além de quinze minutos seguidos. O cansaço e o aborrecimento tomam então conta dos discentes. As actividades propostas não precisam de ter um carácter extraordinário; importa focalizar a atenção dos alunos e insistir, antes de iniciar a tarefa, na necessária cooperação de todos. Chamar a atenção de um ou outro aluno pode ajudar.
- g) *Delegar nos alunos responsabilidades relacionadas com as tarefas do dia-a-dia*. (verificar a existência de giz ou de canetas, distribuir textos, recolher exercícios, guardar o material didáctico,...) Este comportamento permite criar entre os alunos (nomeadamente os mais problemáticos) e o professor um clima de proximidade e de confiança; transmite-se a mensagem do cuidado que cada um deve ter com a vida do grupo.
- h) *Ser capaz de lidar ao mesmo tempo com mais do que uma tarefa* (por exemplo: ser capaz de prestar atenção ao funcionamento geral de uma turma ao mesmo tempo que se atende um aluno ou um grupo.
- i) *Usar a voz com eficácia*. Tem de ser clara, ter volume e expressividade para se conseguir uma comunicação eficaz.
- j) *Não demorar na entrega das avaliações*. Evitar maior ansiedade nos alunos e trabalhar as áreas que requerem maior investimento. Há que evitar comportamentos de hostilidade, de subvalorização da pessoa do aluno e /ou o desrespeito pelo seu esforço.
- k) *Concluir adequadamente a lição*. Dar por encerrado a lição fazendo uma ponte com a lição seguinte (atribuição de TPC’s, por exemplo); dedicar um período no fim da aula para arrumar o material e carteiras, cumprir as tarefas de limpeza, antes de abandonar a sala por filas. Há que dirigir uma palavra simpática para reforçar a coesão do grupo e terminar a aula num clima positivo, mesmo se o grupo não correspondeu ao que se esperara dele; não deixar pendentes ressentimentos e outros sentimentos negativos que tornaria mais difícil recomeçar a aula seguinte.

Referências bibliográficas

- Carita, Ana & Fernandes, Graça (1997) Indisciplina na Sala de aula – Como prevenir? Como remediar? Editorial presença, Lisboa.
- Fontana, A. & Frey, J. H. (1994). Interviewing: the art of science. In N. Denzin Y. Lincoln, *Handbook of qualitative research* (pp. 361-376). Newsbury Park: Sage.